# O TRECHO DE RUA DE MEUS VERDES ANOS

*Mozart Soriano Aderaldo*

Amigos meus, apaixonados pela cidade, cobram-me com insistência comovedora a promessa que fiz, em tempos idos, de descrever, com as tintas do coração, o trecho de rua em que vivi durante a infância e a juventude.

A empresa sempre se me afigurou temerária demais. Nem tanto pelo que nela há de arriscado no que tange aos inevitáveis enganos e lacunas, possíveis e compreensíveis em obras desta natureza. Mas pelo perigo de tanger sensíveis cordas de um coração que guarda, incólume, a lembrança de seus verdes anos.

A delicada tarefa foi iniciada há muitos anos (1958), através das páginas domingueiras de *Unitário,* inseridos aqueles artigos no meu livrinho intitulado *História Abreviada de Fortaleza* (págs. 65 a 89). Foi, então, descrito o quarteirão da Rua Barão do Rio Branco compreendido entre as Ruas Liberato Barroso e Pedro Pereira, complementando estudo antes divulgado pelo grande cronista da cidade que foi João Nogueira. E ali fiquei, deixando em meio o trabalho, pois era pretensão minha chegar até a Praça do Carmo.

Move-me, agora, a convicção de que a palavra dada deve ser cumprida. E reinicio este modesto trabalho de reminiscência esclarecendo que tentarei, quanto me for possível, descrever, prédio por prédio, o trecho da Rua Barão do Rio Branco (ainda chamada naquele tempo, vez por outra, de Formosa) compreendido entre a atual Rua Pedro Pereira (então Travessa de São Bernardo) e a Praça do Carmo, mais tarde crismada inutilmente de Praça Gonçalves Ledo. Alguns dos velhos prédios foram demolidos, para nos respectivos terrenos serem levantados edifícios mais altos e amplos ou para

se transformarem em prosaicos e rendosos estacionamentos de automóveis...

Sei também que muitos dos antigos moradores desse trecho de rua não mais existem, porém outros ainda vivem e poderão complementar, com preciosos dados por mim não possuídos, as informações necessárias à reconstituição tanto quanto possível perfeita de uma realidade que se foi.

Seja-me dado relembrar agora que vim para Fortaleza em princípios de 1921, mas fui habitar a casa que hoje tem o n.º 909 do então *Boulevard* Duque de Caxias, entre as Ruas General Sampaio e 24 de Maio, lado sul. Ali fiquei cerca de três anos, mudando-me, em princípios de 1924, para a casa do lado da sombra da Rua Barão do Rio Branco que tinha o n.º 328, passando a 1378 na década seguinte, quando a Prefeitura adotou a metragem como base para a numeração dos prédios da cidade. E para casa em frente a esta última, "lado do sol", de 1938 a 1941.

Prestando estes esclarecimentos preliminares, seja-me dado recomeçar o trabalho. E que se inicie pelo chamado "lado da sombra", isto é, a face leste do quarteirão.

* * *

Do trecho da Rua Barão do Rio Branco que pretendemos agora tratar, João Nogueira apenas disse o seguinte: — "Na esquina uma casa térrea onde morava o distinto cearense Antônio Cruz. Casas residenciais. Dois sobrados novos e casas de morada até a Rua Pedro I. Neste quarteirão residiu e faleceu repentinamente o Padre Antônio Pereira de Alencar aos 12 de março de 1889."

Atualmente (fins de 1979) posso sobre ele acrescentar o que se segue.

N.º 1288 — Esquina sudeste das Ruas Pedro Pereira e Barão do Rio Branco. Ali havia uma "casa térrea" (como disse João Nogueira), de duas portas e de platibanda no tempo em que morei na região, mas que deve ter sido de beira-e-bica anteriormente. Foi residência, como disse o referido cronista, de Antônio Cruz Saldanha, pai de Ceci, Peri, Prisco e Moacir. Serviu, depois, de sede para uma mercearia (bodega, como se dizia) pertencente a Carlos Soares. Foi, também, residência do médico Antônio Pompeu, irmão de Tomás Pompeu Sobrinho e neto do Senador Pompeu. Posteriormente, nela abrigou-se a Farmácia Holanda. Afinal, demolida há poucos anos, em seu terreno (e no terreno da casa ao lado,

como será dito adiante) se levantou o edifício-sede do Banco do Estado do Ceará. O terreno dessa casinha não era nem largo nem comprido, pelo que o quintal daquela casa vizinha o envolvia pelos lados sul e oeste.

O atual prédio n.º 1288 (edifício-sede do Banco do Estado do Ceará) compreende, ainda, o terreno de uma casa de uma porta e duas janelas (três portas, como se costuma dizer), onde morava a família do despachante Antônio Oliveira, pai de meus companheiros de peraltices infantis Serafim e Oliveirinha e futuro sogro do advogado Reinaldo Moreira. Situada em terreno mais longo e comprido do que o do prédio da esquina, como foi dito antes, com este se limitava em duas faces, havendo no quintal uma cajazeira cujos ramos se debruçavam sobre o muro da Rua Pedro Pereira, delícia da meninada da redondeza, quando se dourava de frutos.

* * *

N.º 1302 — Casa de três portas, em que moravam os irmãos Lopes. Lílico era um deles. Atualmente reformada para atividades comerciais, foi dividida: na porta do lado norte abriga-se a fábrica de carimbos de A. Leite, enquanto nas outras duas se instala "A Sudan", loja de móveis.

N.º 1308 — Casa de três portas, onde morava um hanseniano chamado Benício, depois ocupada pela grande educadora Nana Vieira, professora da Escola Normal, que mantinha em sua residência uma escolinha de primeiras letras, creio que por pura vocação, parecendo-me que nada era cobrado de seus alunos, recrutados nas classes mais necessitadas. Nana Vieira era integralista, pelo que em sua casa realizavam-se freqüentes reuniões de seus correligionários, violentamente combatidos pelos esquerdistas, seus ferrenhos adversários. Não obstante isso, pelo seu reconhecido valor como mestra e pessoa humana, Nana Vieira era respeitada generalizadamente. Hoje, nesse imóvel se instala a Casa Havaiana, loja de calçados.

N.º 1316 — Casa de três portas, habitada desde 1924, quando passei a morar em casa desse quarteirão, até 1978, pela família de D. Graziela Pinto de Oliveira, professora pública e filha do poeta José Antônio de Oliveira, que fora amigo pessoal de Castro Alves. A moradora, D. Graziela, era também irmã do desembargador Oliveira Sobrinho, do Tribunal do Rio de Janeiro. Lembro-me bem de uma sua sobrinha, cha-

mada Eridã, a última a abandonar, não faz muito tempo, o quarteirão tipicamente familiar, hoje totalmente transformado em zona comercial. Derruída a velha casa, no local levantou-se o sobrado que abrigaria a Livraria Renascença, vinda da Rua Major Facundo e de propriedade do meu amigo Luís Maia, que parece querer encerrar agora seu longo e proveitoso ciclo de atividades livrescas.

Ao prédio de n.º 1316 segue-se um terreno baldio, destinado a estacionamento de carros, conseqüência da demolição de três casas que ali existiam, cada uma com duas portas e que ostentavam os n.ºs 1320, 1326 e 1330. Na primeira dessas três casinhas morou o maestro Henrique Jorge, pai do grande jornalista e eminente político Paulo Sarasate e do fecundo intelectual João Jacques, querido amigo e padrinho do meu casamento. O maestro Henrique Jorge, o "Sarasate Mirim" da Padaria Espiritual, de marcante atuação artística em nossa terra, ocupara antes a casa de n.º 1233 da mesma rua, fato já referido em outra crônica minha, quando tratei do quarteirão da mesma artéria compreendido entre as Ruas Liberato Barroso e Pedro Pereira. Outro habitante dessa casinha foi o jornalista Alfeu Faria de Aboim, que mais tarde seria Presidente da Associação Cearense de Imprensa e Redator-Chefe de *O Estado,* ao tempo em que desse jornal fui Redator ao lado de Walter Sá Cavalcante e Hugo Vítor Guimarães, todos sob a orientação superior da fulgurante inteligência de José Martins Rodrigues, nos idos de 1941 e 1942, quando deixei a estafante função para servir à Pátria no N.P.O.R., depois C.P.O.R. de Fortaleza, nos difíceis anos da Segunda Guerra Mundial.

Foi ocupante da segunda dessas três casinhas (n.º 1326) Frederico de Andrade, Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Fortaleza. Frederico de Andrade possuía um sítio em Uruburetama, onde fabricava a cachaça denominada "Balsamina". Era ele casado com uma tia da esposa do Dr. Adalberto Morais Studart, da família Braga.

Quero referir-me de modo especial, todavia, à família de meu colega José Maria Oton Sidou, que ocupava a mais meridional dessas três casinhas, a de n.º 1330. José Maria, embora de minha idade, sempre se revelou muito precoce, aderindo entusiasticamente à doutrina integralista (influência de D. Nana, sua vizinha), sendo freqüentes as tertúlias políticas e literárias na sala de visitas de sua residência. Era um minilíder natural que, não sei porque, não se projetou como merecia, inobstante sua marcante atuação em outros seto-

res, especialmente como cultor do Direito. Seus irmãos — a advogada Wanda Rita e o professor Ari entre eles — mantêm a bela tradição de inteligência da família. D. Naninha, sua veneranda mãe e minha maternal amiga, ainda vive, felizmente, ocupando casa da Avenida João Pessoa, e muito poderia ajudar-me no enriquecimento destas minhas notas.

N.º 1332 — Em casa de três portas então existente no local morava "Seu" Carneiro, proprietário de um sítio em Pajuçara e dentista prático, que formaria, por nossa Faculdade de Odontologia situada em frente, seu filho Moacir, grande amigo de meu irmão Tarciso ainda hoje. O consultório de pai e filho se situava nos altos do prédio de esquina noroeste das Ruas Major Facundo e Liberato Barroso, com entrada por esta última. "Seu" Carneiro tinha outros filhos, dentre os quais o Magela, mais ou menos de minha faixa etária. Hoje há dessa antiga casa uns poucos restos, porque o terreno se comunica com o vizinho e vem sendo utilizado para estacionamento de automóveis. Na pequena parte preservada abriga-se atualmente uma loja de carimbos intitulada "Belas Artes" e acredito que, também, o serviço de controle do estacionamento contíguo.

* * *

N.º 1338 — Havia nesse local um sobrado de três portas onde morava Adolfo Siqueira, Prefeito da cidade. Depois seria residência de Hermenegildo Firmeza, vindo de outro sobrado existente no quarteirão anterior da mesma rua (n.º 1252). Família importante que, além do seu chefe, meu professor de História Geral no Liceu do Ceará depois de ter sido Deputado Federal e jornalista combativo, daria ilustres figuras da política, das letras e da sociedade cearense, como o desembargador Virgílio Firmeza, o Interventor Federal Pedro Firmeza, o bacharel Rui Firmeza (meu colega no C.P.O.R. de Fortaleza e no Tribunal de Contas do Estado, sendo ele Procurador e eu membro do Colegiado) e o grande pintor Estrigas. Genro de Hermenegildo Firmeza seria, depois, o intelectual José Bonifácio de Sousa, que também moraria nesse sobrado, conforme veremos. Com a mudança da família Firmeza, o sobrado passou a abrigar uma pensão de estudantes, de propriedade de D. Maria Joana, uma senhora vinda de Baturité. Dentre os seus hóspedes relembro o futuro deputado estadual e suplente de Senador Federal Almir Pinto e seu irmão João, que seria Secretário da Faculdade de Direito

do Ceará, quando para esta me transferi de congênere do Sul, e Secretário do Tribunal Eleitoral. Nela, igualmente, foram hóspedes o então estudante José Bonifácio de Sousa, que alcançaria os mais altos cargos no Banco do Brasil e ingressaria no Instituto do Ceará como autorizado pesquisador. Joaquim Ferreira, mais tarde funcionário da B.B.C. de Londres, e seu irmão José, hoje médico no Recife; o futuro advogado Pedro Wilson; os irmãos Sátiro e Flávio Alexandrino Nogueira, vindos de Tauá; e José Augusto de Araújo, que se casaria com uma moça vizinha, foram também seus hóspedes. O sobrado foi depois ocupado pela família de Luís Gonzaga Furtado, casado com D. Adelina Arruda, irmã do comendador Ananias Arruda. Dois filhos do casal — José Eymard e Francisco de Assis — me honrariam com sua amizade alicerçada em seguras convicções religiosas. Eymard cursaria comigo o C.P.O.R. e o Chico integraria, por proposta minha, o vetusto Instituto do Ceará. Os Arrudas Furtados se mudariam, depois, para outra casa da mesma rua (n.º 1224), conforme ficou dito em outra minha crôn'ca. No terreno em que se achava esse sobrado e a casa vizinha (n.º 1346) hoje se constrói um edifício moderno.

N.º 1346 — Terreno em que havia uma casa de três portas, onde morava a família Carneiro, da Paraíba, aparentada de José Américo de Almeida. Posteriormente, nela morou Manuel Vieira Costa, pai, dentre outros, de Francisco, conhec'do como Costinha, alto funcionário do Banco do Brasil e Delegado do Banco Central no Ceará, Álvaro (uma das mais fulgurantes inteligências de sua geração), Manuel Filho (também alto funcionário do Banco do Brasil), Zilda (já casada com o eminente político e advogado José Martins Rodrigues), Laura (que se casaria com Humberto Abreu, sócio da loja de fazendas "Rianil"), Noemi (que se casaria com meu irmão Aluísio), Ailza (que se faria freira, sob o nome de Irmã Eufrásia, depois de se tornar viúva de Vilemar Lopes), e Gerarda (que se casaria com o advogado Everardo Bezerra). Todos inteligentes e brilhantes. Essa casa de três portas, finalmente, foi ocupada pela família de Ceci Holanda, bela moça que se casou com José Augusto de Araújo, hóspede da pensão vizinha (n.º 1338), conforme ficou dito antes. Derruída essa casa, o terreno em que ela se achava foi somado ao do prédio vizinho, para em ambos se construir um moderno edifício, ainda inconcluso na época em que escrevi esta crônica (fins de 1979).

N.º 1356 — Sobrado de três portas, ocupado em diferentes épocas pela família de Patrício Ribeiro, da Empresa Ribeiro e da loja "Nova York"; por D. Lesinha Caracas, mãe do engenheiro José Euclides, Lauro e Nélson Caracas; e pelo médico militar Vóssio Brígido, que fez funcionar nesse trecho da cidade o primeiro aparelho radiorreceptor de que tive notícia. Anos depois funcionou nesse sobrado uma casa comercial intitulada ORPEMAN e hoje nele se acha "Reuben Modas".

N.º 1360 — Casinha de duas portas semelhante às duas outras que a ela se seguiam, o que leva à conclusão de que pertenciam à mesma pessoa. Nesta morava D. Mariana, uma velhinha bondosa que, muitas vezes, me brindou com guloseimas de sua fabricação caseira. Com ela morava outra senhora, não sei se sua parenta ou apenas amiga, que lhe fazia companhia. As duas moravam sozinhas, sem nenhum perigo naqueles saudosos tempos de cidade tranqüila. Com o passar dos anos, nessa casa se instalou a Loja Elite e hoje nela está a Tinturaria Lavita.

N.º 1364 — Casa de duas portas, com o frontispício semelhante aos das vizinhas dos dois lados. Nesta morava D. Carmina, que tinha como companhia, além de sua irmã Raimunda, um sobrinho de nome Camundo, que foi o alcoólatra mais pacífico que conheci em toda a minha vida, pois em suas freqüentes carraspanas jamais incomodou os vizinhos ou os transeuntes, pelo que não era temido da meninada nem malquerido da vizinhança. D. Carmina era tia, não sei por que lado, do Dr. João Pombo, conceituado médico de ouvidos, nariz e garganta, falecido ainda moço em conseqüência de insidiosa moléstia e que morava, quando solteiro, na Rua Major Facundo, próximo à Rua Clarindo de Queiroz e da Praça do Carmo.

N.º 1370 — Casa de duas portas, ocupada pelo então jovem industrial (pequena fábrica de vinagre e bebidas em geral) José Domingos da Silva, cujo estabelecimento comercial se situava no n.º 1171 da mesma Rua Barão do Rio Branco, por mim referido quando tratei, em outro estudo que fiz, do quarteirão anterior. José Domingos era filho de criação de Pedro Ferreira, juntamente com Oscar Alcides, que ocupou as casas de n.ºs 1369 e 1401 da mesma rua, a respeito das quais ainda falarei nestas crônicas. Depois, esta casinha foi ocupada pelo casal Viana, cujos filhos (Odar e suas três bonitas irmãs) eram de minha particular amizade. Nessa casi-

nha hoje se abriga a Lanchonete Sandra, que faz comércio de sorvetes e merendas.

* * *

N.º 1374 — Casinha de duas portas e uma só água, onde morava o funcionário da Rede de Viação Cearense — Estrada de Ferro de Baturité, hoje REFFSA Boanerges Amora de Medeiros e sua irmã Anita, oriundos de Parangaba. Boanerges, homem equilibrado, prosperava vagarosamente mas seguramente, quando foi acometido de beribéri, vindo a falecer com poucos dias de acamado. Conhecendo que dificilmente escaparia, chamou parentes e pessoas mais íntimas para declarar que, como os demais irmãos se achavam casados e amparados, deixava, como inupto que era, a casinha em que morava para Anita, sua única irmã solteira. Deveria ter ele chamado um cartorário para oficializar sua última vontade, que não foi respeitada pelos demais herdeiros após sua morte. Vendida a casinha e dividida a importância entre todos, pouco sobrou para D. Anita. Esta passou a viver primeiramente do ensino de datilografia (lembro-me bem de ter feito o desenho do anúncio de suas aulas, por mim mesmo afixado em um dos vidros da janela de sua casinha, bom aluno que eu era do velho professor Joaquim Nogueira, no Liceu). Depois, deixando a casinha, D. Anita passou a fornecer almoços e marmitas em casas por ela alugadas. Passaria, enfim, muitos de seus últimos dias, já velhinha, em dependência da Casa de Tomás Pompeu, então pertencente ao Instituto do Ceará, sita na Rua 24 de Maio n.º 436, por interferência minha e de meu colega e seu parente Manoel Albano Amora junto ao Presidente do Instituto, Dr. Tomás Pompeu Sobrinho. Uma cria de casa de D. Anita, de nome Sebastiana, depois mudado para Margarida, foi então empregada como zeladora da Casa de Tomás Pompeu, fórmula encontrada por nós para amparar, indiretamente embora, a boa velhinha.

Não lembro o que foi feito dessa casinha imediatamente depois da mudança de D. Anita. Hoje nela está a "Movelar", casa de móveis.

N.º 1378 — Casa de duas portas, em tudo semelhante à vizinha de n.º 1382, ambas pertencentes a Otávio Philomeno Gomes. Foi minha segunda residência em Fortaleza e a primeira na Rua Barão do Rio Branco, abrigando minha família de 1924 a 1938, pois neste último ano passamos a ocupar casa maior, em frente, a respeito da qual falarei oportunamente.

Hoje, a casa de n.º 1378, antes 328, se acha reformada, para nela instalar-se a loja "Taquari", do comércio de móveis. Suas paredes internas foram demolidas, mas ainda se notam no reboco mal consertado as marcas das antigas separações. O frontispício também foi alterado. Mas, apesar dessas mudanças, não passo por ali sem sentir fortes emoções.

N.º 1382 — Casa de duas portas, semelhante à casa ao lado, em que eu morava. Esta outra era ocupada por Belarmino Bezerra Filho (Belinho), gerente da imobiliária de Otávio Filomeno Gomes, a quem ambas as casas pertenciam. Belinho, enquanto solteiro, ali residira primeiramente só. Depois trouxera sua mãe e irmãos de Maranguape, sua terra, para lhe fazerem companhia. Com o casamento de Belinho, seus parentes consangüíneos se mudaram e ele continuou a ocupar a casa com sua esposa, ali nascendo alguns dos seus filhos, um dos quais é o desembargador Júlio Carlos de Miranda Bezerra. Anos depois, Belinho se mudou para casa mais ampla, do quarteirão imediato à mesma, n.º 1478, a respeito da qual falarei no momento próprio.

Seguiu-se a Belinho, nesta casa de n.º 1382, o futuro vereador Euclides Temóteo, casado com uma irmã dos Drs. Amadeu Furtado e José Furtado Filho. É filho de Euclides Temóteo o jornalista Juarez Temóteo.

Ocupou-a, também, a família de Xandoca, bela moça e futura esposa do comerciante César Herbster Dias, que trabalhou por muitos anos com João Dummar e por último servia na loja de Gustavo Silva. César, que viria a ser meu bom amigo e companheiro de roda na Praça do Ferreira, faleceu há poucos meses.

Registro, ainda, como ocupante desse imóvel o casal sem filhos composto de Raimundo Mota e D. Luizinha Hortêncio Mota. Apesar de pertencentes a religiões diferentes (ele protestante e ela católica), nunca vi casal mais ajustado.

Hoje o imóvel de n.º 1382 é ocupado pela Gráfica e Papelaria Mercúrio.

N.º 1392 — Era uma casa antiga de três portas, ocupada por uma mercearia (bodega) pertencente a Pedro Carlos da Silva, que prosperou e se estabeleceu em frente ao Mercado Central, na Rua Conde d'Eu. Reformada, esta casa da Rua Barão do Rio Branco passou a ser residência do Dr. José Martins Rodrigues, logo após a Revolução de 1930. Conheci seu filho Roberto, que viria a ser Professor da Faculdade de Direito e Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil — Secção do Ceará, nessa época, ainda menino.

Nela residiria também a família Gondim, de visível vocação para a arte musical. Leonora Gondim alcançaria, aliás, o máximo de virtuosismo no piano em nossa terra, o que a levaria ao Rio de Janeiro, para aprimorar, ainda mais, sua técnica. Antes disso, porém, sua família mudar-se-ia para o casarão da esquina sudeste das Ruas Barão do Rio Branco e Clarindo de Queiroz, na Praça do Carmo.

Essa casa de n.º 1392 foi ocupada, ainda, pelo Dr. José Furtado Filho, médico da Polícia Militar e irmão do Dr. Amadeu Furtado, prestigioso político e clínico de larga clientela, e do grande farmacêutico Juarez Furtado, um verdadeiro cientista.

Nela atualmente se instala a Casa do Alumínio.

N.º 1396 — Casa de duas portas onde residia a emérita professora Alba Valdez, pseudônimo de Maria (Marica) Peixe, de família de Uruburetama. Ensinava ela Geografia e História na Escola Normal e em sua casa, e integraria os quadros do Instituto do Ceará, quando passei de aluno a colega seu, com muita honra para mim. Colega que muito a admirava e estimava e era por ela estimado também. Faleceu Alba Valdez muitos anos depois, em casa da Rua General Sampaio n.º 1353, quarteirão entre a Rua Pedro I e a Avenida Duque de Caxias, "lado do sol".

Habitara, também, essa casinha, a família de Florêncio Coelho de Holanda, vinda de outro prédio da mesma rua (n.º 1241), conforme tive ocasião de dizer em trabalho outro da mesma natureza deste. Florêncio já era, àquela época, líder de movimentos católicos.

Hoje, prosaicamente, nesse local de tanto estudo e seriedade, se acha instalada a bombonnière "Milk Moni".

N.º 1398 — Casa de duas portas, onde residia e tinha sua oficina o sapateiro português "Seu" Costa, casado mas sem filhos. Dessa casinha ele sairia para ocupar outra no quarteirão anterior, esquina nordeste das Ruas Barão do Rio Branco e Pedro Pereira (n.º 1265) e de onde se mudaria, novamente, para casa em frente a esta última, conforme tive oportunidade de dizer em outra crônica.

Não me recordo de outros habitantes dessa casa de n.º 1398, atualmente fechada.

N.º 1404 — Era uma casa antiga, de três portas, onde morou o velho Marcos da Silva, santo homem inteiramente dedicado às atividades caridosas das Conferências Vicentinas, ele que tanto precisava delas por ser pobre como Job, e que distribuía com os necessitados o pouco que tinha, sem precisar

da inspiração de Meddelin ou de Puebla... Esse pouco ele auferia de seu honesto e seráfico trabalho como imaginário, consertando e pintando imagens de santos, sem dúvida alguma seus companheiros hoje, depois de ter sido chamado por Deus. Como que o vejo ainda, com os olhos da alma, a arrastar-se, velhinho, pela sala de visitas de sua casa, janelas abertas para a facilitação de seu trabalho, ou pelas calçadas que o levavam ao Prédio Vicentino e à igreja do Coração de Jesus, algumas quadras distantes... E não me contenho, rezando baixinho: São Marcos Santeiro, rogai por nós!

Reformada essa casa velha, habitaram-na o corretor de imóveis Alfredo Machado e o desembargador Pires de Carvalho, depois de casado em segunda núpcias. Hoje demolida, deu-se ao terreno em que se situava o triste destino de estacionamento de carros.

* * *

N.º 1408 — Casa de três portas, ocupada entre 1924 e 1930 pelo cartorário Dr. Francisco Ponte, cujo filho Afrânio foi meu colega de infância. Queridíssimo de todos, Chico Ponte foi líder do antigo Partido Social Democrático, depois da reconstitucionalização do País em 1945, ocupando uma Secretaria de Estado no Governo Raul Barbosa. Mudando-se dela o Dr. Francisco Ponte para casa situada na Praça do Carmo, conforme veremos oportunamente, essa casa de n.º 1408 foi habitada por um parente de sua esposa, o Sr. Francisco Fontenele, que ocuparia, mais tarde, outro imóvel da mesma rua, quarteirão seguinte, "lado do sol".

Essa casa foi também demolida para que seu terreno fosse adjudicado ao da casa vizinha (lado norte) e passassem ambos a servir de estacionamento para carros.

N.º 1416 — Casa de duas portas, ocupada pelo Pe. Joaquim Alves de Carvalho, irmão do capitalista José Gentil Alves de Carvalho, origem da família Gentil. Na sala de visitas dessa casinha erguia-se um altar, onde seu ocupante celebrava missas, pouco freqüentadas nos domingos e dias santificados porque não ensejavam o cumprimento do preceito por se tratar de oratório privado. Ocupou-a, ainda, um irmão do grande líder e intelectual católico Luís Sucupira, que era, como este, funcionário da Alfândega. Posteriormente alugou-a o comerciante e sócio da loja de fazendas "Rianil", Humberto Abreu, esposo de Laura Costa, que, ainda solteira, ocupara a casa de n.º 1346, como ficou dito antes. Aí nasceu

a primogênita desse casal, de nome Rita, minha afilhada de batismo. Nesse prédio depois abrigou-se a "Radionorte", achando-se fechado atualmente (fins de 1979).

N.º 1418 — Casa de três portas, então ocupada pelas "Virgílios", moças velhas, irmãs (ou tias?) de Virgílio Barbosa, alto funcionário da Casa Holanda, que comerciava com louças. Eram também irmãs (ou tias?) de Napoleão, arrendatário do restaurante do Parque da Liberdade, sito na construção, atualmente ampliada, em que funciona a direção da "Cidade da Criança". As "Virgílios" diariamente expunham, em tabuleiro carregado por uma preta, sua criada, bolos e doces de sua fabricação caseira, e atendiam a encomendas dos conhecidos e vizinhos, especialistas que eram elas na feitura de um bolo denominado Luís Felipe, geralmente sob a forma de um peixe. As três irmãs usavam, inapelavelmente, espartilho, sapatos à Luís XV e chapéu, em suas saídas de casa, e cumprimentavam os conhecidos usando, de modo invariável, a expressão "Boá Noite" (com acento no a). Boas velhinhas que, tempos depois, se transferiram para casa menor da mesma rua, quarteirão imediato ao da Praça do Carmo, "lado do sol". Que é ou que foi feito delas?

Essa casa foi demolida e em seu local se acha construído um prédio de dois pavimentos, ficando o andar de cima com o n.º 1418, enquanto à parte térrea coube o n.º 1420. O andar térreo abriga atualmente a farmácia da Sociedade de Assistência N. S. de Fátima. Os altos destinam-se a escritórios comerciais.

N.º 1426 — Casa de três portas (aliás, janelas) para a Rua Barão do Rio Branco e muitas outras para a Rua Pedro I, propriedade da família Ribeiro, que nela morava, inclusive o então jovem Vinícius, depois bacharel em Direito. Demolida por seus proprietários, em seu local hoje se ergue um edifício de três pavimentos. A entrada para os altos tomou então o n.º 1426, enquanto a parte térrea tem o n.º 1430. Nesses baixos instala-se hoje um armazém de comestíveis, enquanto nos altos há salas para escritórios e reside o Dr. Vinícius Ribeiro.

Finda aqui o "lado da sombra" (face oeste) do quarteirão da Rua Barão do Rio Branco compreendido entre as Ruas Pedro Pereira e Pedro I.

Infelizmente, não foi possível identificar a casa em que "residiu e faleceu repentinamente o Padre Antônio Pereira de Alencar aos 12 de março de 1889", conforme consta do depoimento de João Nogueira, citado no início deste trabalho.

Tantos anos já se tinham passado que os moradores desse quarteirão não mais lembravam o fato ou não mo transmitiram porque não deram a ele maior importância.

* * *

Findo o percurso sentimental do "lado da sombra" do quarteirão da Rua Barão do Rio Branco compreendido entre as Ruas Pedro Pereira e Pedro I, cabe-me agora proceder a outro andamento, desta feita pelo "lado do sol" ou face leste do mesmo trecho da rua, a respeito do qual o historiador João Nogueira disse o seguinte, nos idos de 1943: — "Na esquina, um terreno murado nos fundos da casa de culto protestante do Padre Lacy Wardlaw.

"Faculdade de Odontologia. No mesmo local do prédio que a sociedade REFORM CLUB construiu, entre os n.ºs 166 e 187 (antigos) e inaugurou aos 28 de janeiro de 1882.

"Esta sociedade reuniu em seus salões uma importante biblioteca, a qual, transferida para outro prédio, foi incendiada propositalmente!

"Ao REFORM CLUB seguiu-se e no mesmo edifício o CLUBE IRACEMA, sociedade dançante, que ainda existe. Sua partida carnavalesca de 2 de março de 1889 foi suspensa e enlutada pelo falecimento repentino, em um dos seus salões, do brilhante acadêmico de medicina Emílio Cabral.

"No Clube Iracema deram concertos famosos Artur Napoleão, Alberto Nepomuceno, Frederico do Nascimento, Andrés Dalmau e outros artistas de menor renome. O Iracema tinha um palco onde se exibiam grupos de amadores da arte teatral, e um cinematógrafo, que funcionou em 1897.

"A Sociedade FÊNIX CAIXEIRAL foi instalada no Iracema aos 24 de junho de 1891. Seguem-se casas residenciais até a Rua Pedro Primeiro."

Isso foi, então, dito por João Nogueira. Resta percorrer esse quarteirão trinta e seis anos depois.

* * *

Preliminarmente, esclarecido seja que as alterações feitas no início desse quarteirão foram de tão grande monta que difícil se torna acompanhar, casa por casa, o seu evoluir.

S/N — Na esquina sudeste das Ruas Barão do Rio Branco e Pedro Pereira, existia um muro que limitava o quintal da casa correspondente na Rua Major Facundo. Nessa casa da

vizinha rua, morava e mantinha culto o pastor presbiteriano Lacy Wardlaw. Lembro-me bem dessa casa, depois ocupada por Joaquim Costa Sousa e, tempos depois, por uma colega minha do Departamento Estadual de Estatística, D. Odete. Hoje, no local daquele muro está a face lateral oeste do edifício de muitos andares construído para o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários, antes da unificação de todos os Institutos assistenciais em um só órgão pela Revolução de 1964. Como a entrada desse edifício fica situada na Rua Pedro Pereira, não há numeração que lhe corresponda na Rua Barão do Rio Branco.

N.ºs 1293/1295 — Formavam uma só casa de três portas. Nela morou o "cabo" Furtado, que fora piloto do navio-gaiola que subia e descia o rio Parnaíba sob o comando de meu primo Leônidas Soriano Caldas (Nini). Deste são filhos o desembargador aposentado e os ex-deputados Líster e Bichat, nascidos e residentes no Maranhão. O "cabo" Furtado, que era casado com uma irmã de D. Creusa, esposa do jornalista Demócrito Rocha, mudou-se depois para casa então existente no quarteirão da Rua Major Facundo compreendido entre a Praça do Ferreira e a Rua Pedro Pereira, "lado do sol". Falo assim porque até 1933 a Rua Liberato Barroso ainda não havia sido aberta no trecho entre as Ruas Major Facundo e Floriano Peixoto.

Quando as casas de comércio começaram a se instalar neste quarteirão da Rua Barão do Rio Branco, essa casa de três portas foi desdobrada em duas partes. O lado norte tomou o n.º 1293 e, aberta nele uma porta larga, se tornou depósito da "Antártica" e nele hoje se instala a lanchonete "Bom Despacho". O lado sul (correspondente ao resto da velha casa de três portas), abriga, atualmente, a Movelaria Popular (n.º 1295).

N.ºs 1299/1303 — Antiga casa de três portas, pertencente ao Dr. Adalberto Morais Studart, que, segundo me foi informado, nela residiu antes de construir o belo palacete da Rua Floriano Peixoto, antigamente situado entre os n.ºs 859/871 (onde se acha a Churrascaria Boi na Brasa) e 899 (sede do Cine Jangada), "lado do sol", quarteirão compreendido entre as Ruas Pedro Pereira e Pedro I. Deixo de referir a numeração desse palacete porque no local em que se achava construído se levanta, atualmente, um edifício de muitos andares, destinado às novas instalações do BRADESCO. Bem dizem os urbanistas que os prédios têm, geralmente, a vida média de cinqüenta anos, pois acompanhei, na década

de 1920, a feitura da bela residência, hoje demolida. Antes disso, porém, foi sede do Colégio 7 de Setembro, de meu contemporâneo no Liceu do Ceará, Prof. Edilson Brasil Soarez. E posteriormmente abrigou os Cartórios Eleitorais de Fortaleza.

Nessa casa de três portas da Rua Barão do Rio Branco, que esteve desocupada longo espaço de tempo, a seguir morou Heráclito Rodrigues de Oliveira, proprietário, de uma funilaria e loja de louças denominada Casa São José, então situada em prédio da Praça do Ferreira, onde antes esteve o Ateneu Cearense (esquina nordeste das Ruas Floriano Peixoto e Pedro Borges). Heráclito, como me foi dado dizer em outra crônica da mesma natureza desta, permutou sua moradia com a de um seu parente, o dentista Luís Rodrigues de Oliveira, até então residindo no quarteirão anterior da mesma rua (n.º 1241). Seu filho Aluísio foi meu contemporâneo no Liceu do Ceará e colega no estudo de violino, o que não constituía raridade naquela época.

Nessa casa de três portas morou também José Ricardo Neves, alto funcionário do Instituto de Previdência do Estado do Ceará — IPEC, fundado e pioneiramente presidido por meu primo Plácido Aderaldo Castelo, que viria a ser Governador do Estado, ocasião em que servi como seu assessor imediato na qualidade de Secretário Estadual de Administração.

Esse imóvel, adaptado para comércio, hoje abriga a Malharia Cearense.

* * *

N.º 1313 — No local havia uma casinha de duas portas, onde residiu o violinista Edgar Nunes, ainda solteiro, com seus irmãos — o Eurico, a Nanélia, a Noeme, a Olga e a Rossicler, todos, igualmente, com forte inclinação para a música, especialmente o primeiro e a terceira. Edgar foi meu professor de violino nessa casinha e, a partir de 1928, na Escola de Música Carlos Gomes, que se instalou em prédio da Rua Senador Pompeu, atual 958, hoje reformado por seu proprietário, o saudoso agente comercial João Matos. O pai de Edgar era irmão da genitora do professor Aderbal Nunes Freire, então estudante e residente, com seu pai, o comerciante de móveis Balduíno Freire, na esquina noroeste da Rua Floriano Peixoto com a Avenida Duque de Caxias.

Essa casinha foi posteriormente ocupada pelos Quevedos, oriundos do Piauí. Uma das moças da família — a Du-

zinha — veio a ser esposa de João Jacques Ferreira Lopes, seu vizinho de frente, como já ficou dito, tendo ambos, anos depois, apadrinhado meu casamento. Outra dessas moças era casada com Raimundo Esteves, residente na casa n.º 1411 da mesma rua, conforme será visto.

Demolida a casinha de n.º 1313, no local foi construído um edifício de três pavimentos, onde atualmente se acha instalada a loja "Delta Vime".

S/N — Atual dependência do prédio ao lado (n.º 1321), era uma casinha de duas portas, semelhante à vizinha de n.º 1313. Nela residiu o professor da Escola de Agronomia Nazareno Pires. Embora sendo eu garoto ainda, chamou-me ele certa vez para observar, através das lentes do primeiro microscópio que conheci na vida, as asas e as pernas de uma mosca, chamando minha atenção para as sujeiras que esse inseto pode carregar nas patas.

Anos depois, creio que após a criação da Universidade Federal do Ceará e a conseqüente incorporação a esta da então Faculdade de Farmácia e Odontologia, foi essa casinha de duas portas anexada ao belo prédio vizinho pelo lado sul, perdendo assim sua numeração. Serve hoje de dependência do Curso de Comunicação Social (antigo de Jornalismo), com a transferência dos Cursos de Farmácia e Odontologia para outros imóveis da Universidade Federal do Ceará.

N.º 1321 — Antigamente belo edifício de sete portas que tinha até 1933 o n.º 187. Hoje tem dois pavimentos, além de um porão. Sem o anexo do lado norte, deve medir de frente cerca de 29 ou 30 metros. Sua história foi sintetizada pelo pesquisador João Nogueira, conforme transcrição por mim feita nesta crônica. Nele se instalou, primeiramente, o "Reform Club", que o construiu e inaugurou em 28 de janeiro de 1882, fazendo nele funcionar "importante biblioteca", antes inaugurada no prédio de n.º 105 da mesma rua. Esse edifício foi depois sede do Clube Iracema, que nele se abrigou até meados da década de 1920, onde realizou não somente saraus sociais, mas ainda importante programa cultural no campo da música e do teatro, que movimentaram a então acanhada cidadezinha de 100.000 habitantes. Em seus salões foi fundada a benemérita sociedade "Fênix Caixeiral", em 24 de junho de 1891, e funcionou, em 1897, um ancestral dos modernissimos cinemas de hoje — "cinematógrafo", como se dizia.

Conheci-o ainda como sede do Clube Iracema, mas por pouco tempo, tendo essa tradicional organização se mudado

para os altos do "Rôtisserie Sportman", atual edifício da Caixa Econômica Federal do Ceará (esquina sudeste das Ruas Floriano Peixoto e Guilherme Rocha). Foi então que nele se instalou a Faculdade de Farmácia e Odontologia, que construiu o segundo pavimento do prédio, e nele, mais recentemente, passou a funcionar o Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará que, juntamente com a jornalista Adísia Sá e outros, ajudei a fundar.

Pena é que seus últimos ocupantes não tenham sabido bem conservar esse prédio de tão nobres linhas e ricas tradições culturais, que se acha mutilado e desfigurado. É realmente lamentável que assim ocorra.

N.º 1345 — Casa antiga de duas portas, ocupada primeiramente pela família Pinto, sendo um dos seus membros o jornalista José de Arimatéia Pinto, residente no Rio de Janeiro. Nela residiu também Celina Cerqueira Belo, sua irmã Corina e sua mãe de criação, a mulata Lucinda, que as recebeu de sua mãe legítima na hora da morte desta. Negra de alma branca, Lucinda criou-as e zelou por ambas até quando morreu, não faz muito tempo. Com elas passava temporadas seu tio, o cônego Miguel Reis, Guilherme de Melo legítimo como as duas sobrinhas e, portanto, parente bem próximo de minha mãe, da viúva do governador Plácido Aderaldo Castelo e da esposa do reitor Walter de Moura Cantídio. Celina e Corina mudaram-se depois para a casa de n.º 1399 do mesmo quarteirão e, posteriormente, para outra da Rua Pedro I, lado norte, entre as Ruas Barão do Rio Branco e Senador Pompeu, e atualmente residem em casa da Avenida do Imperador. Celina tocava e ensinava piano.

Atualmente reformado, esse imóvel abriga uma agência de turismo — a "Ítala Viagens".

N.º 1349 — Casa de três portas, pertencente, como a vizinha do lado norte, a um senhor de formação intransigentemente católica, de nome Coriolano, mais conhecido como "Seu" Cori, que nesta residia com sua família. Hoje nela se acha instalada a Loja Sulamy, não sei se pertencente a algum membro da família de seu antigo proprietário ou se apenas alugada para aquele fim.

N.º 1353 — Casa de duas portas, pertencente ao Dr. Virgílio de Morais Filho (Moraisinho) e habitada pelos pais do atual neurocirurgião José Sarto Saraiva e de suas irmãs. Destas, uma se casou com um alemão e mora na terra do marido e a outra desposou o Dr. Pio Saraiva Leão, seu parente, e são pais do médico operador Dr. Pedro Henrique

Saraiva Leão. Estou a ver, com os olhos da imaginação, o José Sarto, ainda garoto, sentado numa cadeira na calçada de sua residência, todas as tardes... E relembro D. Nenen, sua mãe, modelo de educação e nobreza.

Essa casinha foi demolida para que o terreno em que se achava levantada se transformasse em estacionamento de carros. Mais um!

* * *

N.º 1363 — Casa de três portas, ocupada por Antônio Banhos Sobreira, sua esposa D. Abrilina e seus filhos, que se formaram em Direito, um deles chamado Moacir. A dona da casa era irmã de D. Dulce genitora de Antônio Gomes Guimarães e seu irmão, que se tornaria Desembargador no Governo Raul Barbosa. Antônio Gomes Guimarães, por sua vez, viria a ser incontestável líder comercial em nosso Estado. Os Guimarães moravam no histórico casarão da Rua Conde d'Eu, quarteirão entre a Praça da Sé e a Rua São Paulo, "lado da sombra", antiga residência dos Capitães-Mores do Ceará, antes de este se separar da Capitania de Pernambuco, e Governadores da Capitania do Ceará, após a referida separação. Esse velho casarão foi permutado, *manu militari*, com o prédio pertencente ao capitão-mor Antônio de Castro Viana, adquirido pela Câmara Municipal para suas reuniões, depois intitulado Palácio da Luz, onde esteve a sede do Governo do Ceará desde 1802 até 1970, quando o governador Plácido Aderaldo Castelo transferiu as instalações da pública administração estadual para o Palácio da Abolição. A Prefeitura de Fortaleza, tendo resolvido o problema da sede da Câmara Municipal com a ocupação do edifício, demolido em 1946, que se situava na Rua Floriano Peixoto, esquinas com a Rua Guilherme Rocha e a Travessa Pará, deu destinação diferente ao velho casarão da Rua Conde d'Eu, inclusive alugando-o, como foi feito com relação a Gontran Guimarães, até que, na administração Alvaro Weyne, se cometeu o crime de demolir o histórico prédio para levantar em seu lugar o Mercado Central, não se prevendo que este, anos depois, com o progresso da cidade e descentralização do comércio, seria completamente desnecessário. Minha família freqüentou, nos últimos anos da década de 1920, a residência dos Guimarães, aonde íamos, levados por D. Abrilina, participar de saraus artísticos. Lembro-me de, numa dessas vezes, ter visto o presidente Matos Peixoto, à noite, passean-

do no pequeno terraço do Palácio da Luz que dava para a Rua Conde d'Eu, terraço esse hoje desaparecido com o prolongamento da Rua Guilherme Rocha, feito no Governo Parsifal Barroso.

Depois dos Sobreiras, a casa de n.º 1363 da Rua Barão do Rio Branco foi ocupada pela família de João Boto, casado com uma irmã de João Arruda, tido como "cônsul de Massapê" em Fortaleza. João Arruda viria a ser trisavô de minha neta Elisa. Filho do casal Boto-Arruda é meu amigo Sebastião Arruda, alma nobre e fina.

As irmãs deste privaram, também, da amizade de minha família, tendo uma delas desposado o festejado intelectual Tompson Bulcão, já falecido. Dessa casa a família Arruda se mudaria para a de n.º 1377/1385 da mesma rua, conforme será dito na devida oportunidade.

Seguir-se-ia na ocupação dessa casa de n.º 1363 o professor Heribaldo Costa, que conheci estudando sistematicamente até as madrugadas.

Anos depois, nesse imóvel esteve a organização "Zarlon" (Mozart Solon), especializada em vidros, espelhos e molduras. Sei que nela também se abrigou uma loja de filtros e cerâmica fina. Atualmente (fins de 1979) está desocupada.

N.º 1369 — Casa de três portas, que conheci habitada por umas moças solteiras de nome Lima. Um seu irmão, médico residente no Rio, vez por outra as visitava, ocasião em que revia um sítio da família localizado na atual Avenida Padre Ibiapina, entre Jacarecanga e a Praça São Sebastião, "lado da sombra". Para essas "viagens" sentimentais minha família era sempre convidada; e hoje, ao passar por ali, nas imediações do prédio do Serviço Social da Indústria — SESI — e do Asilo de Mendicidade, sorrio com a espantosa expansão da nossa cidade.

Seguiu-se como ocupante dessa casa o industrial (fabricante de vinhos e vinagre) Oscar Alcides, já aqui referido quando falei de seu irmão de criação José Domingos da Silva, que ocupou a casa em frente (n.º 1370). Oscar Alcides era casado, segunda vez, com D. Finoca, criatura simplória e bondosa que, por isso, residia sem conflitos com os enteados — aquele que viria a comandar a Base Aérea de Fortaleza, Coronel Geraldo Alcides, e suas irmãs Dolores e Conceição. Esta família se mudaria para outra casa do mesmo quarteirão (n.º 1401), conforme será dito.

Sucedeu como inquilino dessa casa a família Luna, sendo filha única do casal a então jovem Dilce, ainda hoje fun-

cionária do Tribunal de Justiça do Estado e minha boa amiga.

Essa casa foi demolida e em seu lugar levantado um prédio de três pavimentos, onde se instalou o Banco Mercantil e hoje se abriga o Banco Auxiliar de São Paulo.

N.º 1377/1385 — Tratava-se de um só imóvel, sendo que a parte hoje identificada pelo n.º 1377 correspondia ao jardim da casa ao lado (n.º 1385), esta com três janelas para a rua e portas para o terreno do lado norte. Para se ter idéia de como a Prefeitura naqueles tempos reconhecia ser importante a arborização das ruas da cidade, seja-me dado relembrar que, ao passar da casa em frente (n.º 1378) para esta outra (n.ºs 1377/1385), a fim de obter a indispensável licença para cortar um ficus-benjamim que vedava a entrada de carro para o jardim, minha família teve de assumir o compromisso de plantar e regar outra árvore ao lado, a uma distância de um metro mais ou menos. Esta última cresceu e se desenvolveu a ponto de ombrear-se com as demais preexistentes. Hoje, não resta nem uma só de quantas (cerca de vinte ou mais) havia nessa face do quarteirão.

Esse imóvel, com cerca de vinte metros de frente, era moradia, nos meus primeiros tempos de habitante desse trecho de rua, do exportador Domingos de Melo, seu proprietário, casado com D. Alzira, irmã do D. Bembém, primeira esposa do capitalista Otávio Philomeno Gomes, e da esposa de Francisco Fontenele, que sucedeu o Dr. Francisco Ponte na ocupação da casa de n.º 1408 da mesma rua, conforme foi antes dito. D. Alzira faleceu de parto, deixando órfãs duas filhinhas, a primeira de nome Miriam, "paquera" de meu irmão Aluísio e hoje freira, enquanto a segunda, Sônia, viria a casar-se com o futuro desembargador José Almir de Carvalho, filho do também desembargador Pires de Carvalho, que seria um dos moradores da casa n.º 1408 da mesma rua, conforme registrado ficou no tempo próprio.

Mudando-se dela seu proprietário, a casa foi ocupada por José Lino da Silveira, casado com D. Rosa, irmã do chefe do Partido Democrata, deputado Moreira da Rocha, que morava no quarteirão anterior da mesma rua (n.º 1172). As filhas do casal — Edméa, Zizi, Neli e outras — eram da intimidade de minha casa. Somente anos depois, quando não mais morava nas imediações, nasceria o único filho varão desse boníssimo casal, o futuro engenheiro e presidente do Ceará Sporting Club, José Lino da Silveira Filho.

A essa família, que se mudou para casas outras da cidade, inclusive o sobrado de n.º 1822 da mesma rua, seguiu-se a de José Manassés Pontes e sua esposa D. Maria, que não perdiam para aquela em bondade e cavalheirismo. Filhos desse casal eram Osmundo, Oswaldo e Osmar, além de suas irmãzinhas, uma das quais — Lourdinha — se casaria com Paulo O'Grady, meu companheiro de Rotary. Osmundo, bem criança ainda, era por minha mãe alçado pelos braços, através da janela, para a sala de visitas de minha casa, quando era festejada a vinda de meus irmãos, então estudantes no Rio, para as férias de fim de ano.

Com a mudança de Manassés Pontes para outros prédios da cidade, inclusive o de n.º 1860 da mesma rua, a casa n.º 1385 da Rua Barão do Rio Branco foi ocupada pela família Arruda Boto, vinda de imóvel próximo (n.º 1363), conforme foi dito oportunamente.

Finalmente, minha família ocupou essa casa, nos idos de 1938 a 1941. Dela saiu para a casa de n.º 334 da Rua da Assunção, em vista de naquela ter morrido de tétano um primo-irmão de meu pai, o Padre Lino Aderaldo, que veio de Senador Pompeu tratar-se de pneumonia dupla e aqui, através de uma injeção de quinino, segundo se disse então, contraíra a terrível infecção. Tão grande era o horror a essa mortal doença que forçoso seria proceder à mudança, desinfetando-se todos os móveis antes.

No local do jardim do antigo imóvel foi levantado um prédio de portas largas, que está servindo para estacionamento de carros dos funcionários da empresa abrigada no prédio ao lado (n.º 1385), a Livraria Nordeste (papelaria e gráfica).

* * *

N.º 1321 — Casinha de duas portas que foi ocupada pela família Felício, oriunda do Crato. Aci, a filha mais velha da família, era então noiva e casar-se-ia com o futuro Brigadeiro José Macedo, primeiro Comandante da Base Aérea de Fortaleza. Luci eleita seria, em torno de 1930, Miss Rua Barão do Rio Branco. Margarida se casaria, depois, com o pediatra Moacir Barbosa, contemporâneo meu no Liceu do Ceará. E Elba faleceria ainda jovem. Com a mudança dessa família para casa da Avenida Santos Dumont, quarteirão entre as Ruas Nogueira Acióli e Gonçalves Ledo, lado norte, ocupou essa casinha da Rua Barão do Rio Branco o industrial Mário

Jataí, dono de uma tipografia e casado com uma prima de minha futura cunhada Noemi, esposa de meu irmão Aluísio. Mário Jataí mudar-se-ia para outra casa da mesma rua, no quarteirão seguinte, cuja numeração é 1514. Seguiu-se na ocupação dessa casa o Sr. Manuel Freire, funcionário da Prefeitura de Fortaleza, vindo de Quixadá. Creio que aqui chegou a convite do então Interventor Federal Roberto Carneiro de Mendonça, no início da década de 1930, pois fora em sua casa, na referida cidade do interior do Ceará, que o ínclito militar, ainda revolucionário fugitivo, se ocultara, antes da vitória do movimento de outubro de 1930. Manuel Freire era um velho sem maior preparo intelectual, mas de uma personalidade marcante e de um caráter ilibado. Morreu de volvo, esse nosso bom vizinho.

Atualmente, esse prédio abriga uma Cooperativa.

N.º 1399 — Outra casinha de duas portas, no mesmo estilo da vizinha do lado norte (n.º 1391), o que autoriza a conclusão de que ambas pertenciam ao mesmo dono. Conheci-a ocupada pela família de Aníbal e Alberto (Boô), o primeiro dos quais seria festejado jogador de futebol do "Ceará" e se casaria com moça da família Bezerra de Menezes, meus vizinhos na Avenida Duque de Caxias. Ocupou essa casa, depois, o dono da relojoaria "Cancão". Essa relojoaria seria atingida pelo incêndio que devorou, a 30 de setembro de 1929, o velho prédio da esquina noroeste das Ruas Barão do Rio Branco e Guilherme Rocha, sobradão de três pavimentos que pertencera a João Antônio Garcia e fora residência episcopal de Dom Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, além de ter sido depois a primeira sede da "Fênix Caixeiral", que nele se instalou a 1.º de agosto de 1891 e no terceiro pavimento desse prédio fez funcionar sua benemérita Escola de Comércio. Esse sobradão abrigava lojas no pavimento térreo e uma pensão de estudantes nos andares de cima. Eram hóspedes dessa pensão os futuros professores e então liceístas Madaleno e Antônio Girão Barroso e o futuro "Doutor do Baião" — Humberto Teixeira. Como a loja "Cancão" não se achava segurada, seu proprietário ficou desesperado, custando a sair desse estado de espírito. Não obstante, refez-se a duras penas e reinstalou-se na Rua Guilherme Rocha, quarteirão entre as Ruas Major Facundo e Barão do Rio Branco, lado norte, em velho prédio que não mais existe, tendo sido levantado no local um alto edifício.

Lembro-me de ter visto a casa n.º 1399 da Rua Barão do Rio Branco ocupada, ainda, pela família de Zuíla Barbosa

Lima, que já ocupara duas casas da mesma rua no quarteirão anterior (n.ºs 1190 e 1229), como me foi dado dizer em crônica a esta semelhante. Zuíla era filiada ao Integralismo, entusiástica e dedicadamente. Com o advento do Estado Novo, em 1937, deve ter sofrido muito, vendo ser perseguido o movimento em que depositara suas mais puras esperanças. Sublimava tudo, enfim, dedicando-se ao teatro, quando atuou ao lado de William Alcântara, Artur Eduardo Benevides e Manuel Eduardo Pinheiro Campos, sob a direção do então vigário da matriz de São Gerardo, o atual Bispo de Patos, na Paraíba, Dom Expedito Eduardo de Oliveira.

Por fim, essa casinha de duas portas, como ficou dito antes, foi ocupada por minhas primas Celina e Corina, netas de um irmão de meu avô materno, que nela ficaram pouco tempo, passando-se para outro prédio próximo, sito na Pedro I, face norte, entre as Ruas Barão do Rio Branco e Senador Pompeu.

Essa casa da Rua Barão do Rio Branco abrigou depois a Casa dos Plásticos e atualmente nela se acha a loja "Raquel Modas".

N.º 1401 — Casa de três portas onde residia a família Guilhon, oriunda do Pará. Ocupou-a, também, a família de Soarinho, pai de Edmilson e Quincas, meus colegas no Liceu do Ceará, e de Emi, que viria a casar-se com Elno Quinderé Moura, colega meu na Faculdade de Direito do Ceará. Soarinho, que se mudaria depois para a casa da mesma rua, na Praça do Carmo, era irmão de Frei Ambrósio de Fortaleza, popular frade capuchinho. Lembro-me, ainda, de que foi residência de Aluísio Costa, funcionário da antiga Estrada de Ferro de Baturité e jogador de futebol, concunhado do professor Renato Carvalho, meu colega de magistério na Faculdade de Ciências Econômicas. Foi, posteriormente, moradia de Otelo Barreto, Diretor dos Correios no Ceará, e, finalmente, de Oscar Alcides, vindo da casa de n.º 1369, conforme foi dito na devida oportunidade.

Hoje esse prédio abriga a Farmácia Rio Branco.

N.º 1411 — Casa de duas portas, ocupada por Raimundo Esteves, dono da Tipografia Progresso, então situada na Rua General Bizerril, quarteirão entre as Ruas Guilherme Rocha e Pedro Borges, "lado do sol". Os sucessores de Raimundo Esteves na direção dessa empresa são seus filhos Luís e Geraldo, meus bons amigos. Raimundo Esteves era casado com uma das Quevedos, família que residia na casa n.º 1313, do mesmo quarteirão, como ficou dito no devido momento.

Morou também nessa casa o Dr. Francisco Ascendino Ribeiro, bacharel em Direito e agrônomo, irmão de Vinicius, residente em frente (n.º 1426/1430), conforme foi registrado por mim. Ocupou-a, igualmente, a Dra. Dayse Saraiva Ribeiro, bacharela e viúva, obviamente da mesma família dos dois a que me referi.

Atualmente, desse imóvel resta o terreno, pois a casa foi demolida para que, juntamente com o terreno da antiga casa existente no lado sul, seja levantado um edifício destinado às futuras instalações do Banco Safra.

N.º 1417 — Casarão antigo e amplo, em que residiu, por muitos anos, a família Nunes de Miranda, parentes de Gustavo Barroso, que dela fala com carinho em suas "Memórias". Um dos rapazes da casa estudava medicina e se tornou o Dr. Licínio Nunes de Miranda. Uma das moças, a Alice, enfermou e foi internada, com grande consternação de todos, inclusive minha, pois eu era seu amigo. Outro, o Daniel, foi o menino mais encapetado que conheci, dando enorme trabalho e preocupações a sua paciente mãe. A geração anterior dessa família residia em casa da mesma rua, no quarteirão entre as Ruas Clarindo de Queiroz e Meton de Alencar, e não entre esta e a Rua Antônio Pompeu, como João Nogueira equivocadamente registra.

O velho casarão de n.º 1417 foi demolido e no terreno em que estava construído, acrescido do terreno da casa vizinha do lado norte, será levantado um edifício para sede do Banco Safra, conforme já ficou dito.

N.º 1425/1431 — Casa velha de esquina, com portas para as Ruas Barão do Rio Branco e Pedro I. Nela se abrigava uma das duas "bodegas" do quarteirão, a outra situando-se na esquina sudoeste das Ruas Barão do Rio Branco e Pedro Pereira, conforme esclareci na devida ocasião. Era dono da mercearia situada no prédio n.º 1425/1431 o pacatubano José Pinheiro, pelo que concluo ser ele parente do aplaudido intelectual Manuel Eduardo Pinheiro Campos, membro do Grupo Clã e atual Secretário de Cultura do Estado. O prédio foi repartido, destinando-se o que tomou n.º 1425 à garagem do carro do Dr. José Frota (residente na esquina noroeste das Ruas Pedro I e Major Facundo), enquanto a parte da esquina (n.º 1431) acolhia a "bodega" de José Pinheiro. Essa "bodega" passou a pertencer ao velho Castelo, antigo proprietário do restaurante sito no Parque da Liberdade, antes de passá-lo a Napoleão, irmão (ou tio) das

"Virgílios", residente em frente (n.º 1418/1420), conforme registrei anteriormente.

Com a morte do Dr. José Frota, o imóvel destinado a abrigo do seu carro (n.º 1425) foi alugado e nele esteve a Casa Chic, de artigos para cabeleireiros. Hoje (fins de 1979) acha-se desocupado.

Por sua vez, a parte do prédio que se acha identificada pelo n.º 1431 é sede, hoje, da Livraria Globo.

Aqui termina a face leste desse quarteirão da Rua Barão do Rio Branco.

* * *

Descritas ambas as faces do quarteirão da Rua Barão do Rio Branco compreendido entre as Ruas Pedro Pereira e Pedro I, devo continuar a caminhada em direção à Praça do Carmo, segundo propósito meu antigo.

Verei, de logo, a face ocidental (lado da sombra) do quarteirão da referida artéria, entre a Rua Pedro I e a Avenida Duque de Caxias. Dela disse João Nogueira, em 1943, apenas o seguinte: — "Departamento de Terras. Casas residenciais." Acrescentarei algo que os conhecimentos pessoais que tenho desse trecho me autorizam a fazer.

N.º 1450 — Antigo casarão de quatro janelas para a Rua Barão do Rio Branco e muitas para a Rua Pedro I, além da porta principal de entrada. Nele morava a família de seu proprietário, o comerciante Luís Bastos, oriundo de Messejana e dono de uma casa de secos e molhados na própria Praça do Ferreira, situada mais ou menos no local onde esteve depois o Bar da Brahma (Rua Floriano Peixoto). Uma filha de Luís Bastos, a Filó, era grande amiga de minha mãe e, depois de casada, passou a ocupar uma casinha de duas portas na Rua Pedro I, quarteirão entre as Ruas Barão do Rio Branco e Senador Pompeu, lado sul, construída em terreno de meu pai. Outro filho de Luís Bastos, cujo nome não recordo, vestia-se de paletó e punha até gravata, mas nunca calçou sapatos nos pés... Aliás, era um dos três tipos curiosos desse trecho da cidade, o outro sendo o Camundo, residente na casa n.º 1364 da mesma rua e a respeito de quem falei na devida oportunidade. O terceiro, sobre o qual deixei de falar em lamentável lapso, era irmão da prof.ª Nana Vieira, habitante da casa n.º 1308, no mesmo quarteirão. Era ele um inofensivo maníaco, que se comprazia em recortar, com tesourinha, lindos guardanapos de papel de seda, e com eles

adornar a Praça General Tibúrcio, especialmente as colunas de ferro que circundam a estátua do grande militar cearense.

Luís Bastos era irmão da esposa do farmacêutico, que depois se fez médico, Rodrigo de Codes y Sandoval, residente em Parangaba. A velha moradia de Luís Bastos foi depois ocupada pelo Departamento de Terras e Colonização, como se acha registrado por João Nogueira. Demolida posteriormente, foi construído no local outro prédio, este com dois pavimentos, com entrada também para a Rua Pedro I, n.º 591. Nos seus altos abrigam-se escritórios de vária ordem, enquanto no andar térreo se estabelecem lojas diversas. Na esquina funciona uma farmácia, a "Droganossa".

N.º 1460 — Casa de três portas, onde mora Machado Coelho e sua esposa, integrante esta da família Frota, uma de cujas filhas casaria com Bené de Castro e outra com o Dr. Álber Vasconcelos.

Nessa casa funcionou, durante muito tempo, o consultório médico do Dr. Álber e hoje nela se abriga a Casa Bezerra, especializada em laticínios, bebidas e guloseimas.

N.º 1468 — Casa de três portas onde morava Álvaro Garrido, que depois se mudaria para outra do mesmo quarteirão, n.º 1516, o que será esclarecido melhor oportunamente. Foi também ocupante dessa casa de n.º 1468 Júlio Carvalho, casado com D. Ceci, filha de Sousa Carvalho. Se a memória não me trai, nela também residiram os irmãos Emídio, donos do Café Emídio, que peregrinou por vários prédios da Praça do Ferreira e imediações desta.

Nesta casa de três portas, hoje se abriga a loja "Scientific", de equipamentos médicos, calculadoras etc.

N.º 1472 — Casa de duas portas, ocupada, antigamente, pelas filhas do jurista Luís Miranda. Hoje é sede da Inovar — Imobiliária do Nordeste Vicente Arruda Ltda., que se dedica ao comércio de casas e terrenos.

N.º 1478 — Casarão de cinco portas, ocupada, na década de 1920, pela família do comerciante de móveis Sabino Borges, cujo filho Walter se formaria em medicina.

Foi, igualmente, residência do português Luís Carvalho, que ocuparia também outros imóveis de quarteirão anterior da nossa rua, como foi por mim esclarecido em outro trabalho deste mesmo gênero. Luís Carvalho deixou esta casa em conseqüência de ter sido assaltada por um ladrão, caso raro naqueles tempos.

Ocupou-a, também, o corretor Pedro Alcântara.

Por fim, foi residência, durante muitos anos, de Belarmino Bezerra Filho (Belinho), antes morador da casa n.º 1382 da mesma rua, conforme me foi dado dizer em outra ocasião.

Esse imóvel sofreu sensíveis danos, de tal forma que suas três portas do lado norte formam um resto do prédio, hoje desocupado, enquanto a parede de frente, correspondente às duas portas do lado sul, apenas limita terreno para estacionamento de carros.

N.º 1486 — Nesse local havia um velho prédio, separado da casa vizinha do lado sul, que servia de residência para a família de Joaquim Caminha de Sá Leitão, funcionário da então assim denominada Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas e católico de sólida formação, filho que é do Dr. Antônio Sabóia de Sá Leitão, organizador da primeira Conferência Vicentina do Ceará, fundada a 8 de dezembro de 1879, no Aracati. O Dr. Antônio ordenou-se padre, depois que enviuvou, e teve a felicidade de ver um seu filho ordenar-se sacerdote, também. Filho de Joaquim e neto do Dr. Antônio é o professor Plínio de Sá Leitão, do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. Além de seu sincero admirador, em decorrência de suas qualidades como católico e vicentino, algo mais me liga a Joaquim Caminha de Sá Leitão. É ele padrinho de batismo de uma irmã de minha esposa, a Irmã Isabel Cartaxo, que foi Diretora do Colégio Juvenal de Carvalho, nesta cidade.

O velho prédio foi reformado em sua quase totalidade de tal modo que parece outro. Depois de abrigar a "Audiplan", hoje é sede da Federal de Seguros.

N.º 1502 — Casarão de cinco portas, onde morava a família do desembargador Cláudio Ideburque Leal, pai dos médicos oculistas Ciro e Sílvio e do bacharel em Direito Hélio Ideburque Carneiro Leal, meu nobre e varonil amigo.

Foi, posteriormente, residência do médico oculista Orlando Falcão, assim como sede de um estabelecimento de ensino que preparava candidatos ao exame vestibular das Universidades de nossa terra — o "Cursão".

Hoje nele se abriga um Posto de Auxílio-Doença do Instituto Nacional de Previdência Social, nome recente mas já mudado do órgão de assistência social de nosso país.

N.º 1514 — Casa de três portas que foi ocupada pelo industrial Mário Jataí, vindo da casa de n.º 1391 da mesma rua, como foi dito por mim em outra oportunidade.

Essa casa foi depois ocupada por um genro de Mário Jataí e hoje se acha fechada, exposta a venda ou a aluguel.

N.º 1516 — Casa de três portas, residência do Dr. Álvaro Garrido, Juiz de Direito aposentado, que já ocupara a de n.º 1418 do mesmo quarteirão. Seguiu-se-lhe outro membro da mesma família — o Dr. José Garrido, inspetor do ensino.

Depois, nessa casa esteve o Laboratório Art Prótese Ltda., de Pedro J. Barros. Hoje é sede do bar e restaurante "Satel", designação que lembra o endereço telegráfico do Banco do Brasil (Satélite), cuja Agência Central fica em frente. É nesse bar e restaurante que funcionários do Banco do Brasil se reúnem, após o expediente, especialmente nas sextas-feiras.

N.º 1520 — Nesse terreno existia uma casa com portão de ferro, onde morava a viúva de Aldovrando Pinto, funcionário dos Telégrafos e mãe do boxeador José Pinto.

Nela residiu depois Luís Quinderé, dono da Livraria Quinderé. Inúmeras vezes fiquei, até altas horas da noite, conversando em pé, na calçada desse prédio, ou sentado no fio de pedras a ele correspondente, com José Denizard Macedo de Alcântara, Luís Teixeira Barros, Moacir Teles, César Wagner Studart Montenegro e outros, inclusive os rapazes da casa em frente, dentre os quais Álber Quinderé, hoje meu companheiro no Rotary Club de Fortaleza. E eram assuntos sérios os que nos entretinham, de par com as patuscadas próprias de gente jovem. Bons tempos aqueles em que se percorria a cidade à noite sem nenhuma possibilidade de se ser assaltado.

Hoje, demolida a simpática residência, resta o terreno, destinado a estacionamento de automóveis.

Aqui se chega à Avenida Duque de Caxias, terminando o "lado da sombra" desse quarteirão. Prosseguirei na próxima crônica, tratando das casas desse trecho da Rua Barão do Rio Branco, "lado do sol".

* * *

Após ter percorrido o quarteirão da Rua Barão do Rio Branco entre a Rua Pedro I e a Avenida Duque de Caxias pelo "lado da sombra" ou face oeste, cabe-me fazer igual percurso pelo chamado "lado do sol" ou face leste.

Desse quarteirão assim falou João Nogueira em 1943: — "Casas residenciais até a Av. Duque de Caxias. Na de n.º 1447, onde morava o Sr. Cunto, houve incêndio aos 23 de novembro de 1933." Posso acrescentar as informações que se seguem.

* * *

N.º 1447 — Casa antiga, de estilo pesado, existente na esquina sudeste das Ruas Barão do Rio Branco e Pedro I. Conheci-a habitada pelo farmacêutico Antônio Carneiro, pai do futuro jornalista Luciano Carneiro, antes que se mudasse, com seu modesto estabelecimento anexo, para a Avenida Visconde do Rio Branco ou Calçamento de Messejana, na linguagem do povo.

João Nogueira informa que nela morou um Sr. Cunto e que ela sofreu incêndio em 23 de novembro de 1933. Interessante é que precisamente nessa época estava eu a concluir o curso seriado (secundário) no Liceu do Ceará e não me recordo nem desse Sr. Cunto nem do referido incêndio. Será que têm razão os que dizem que os fatos da infância são mais facilmente retidos na memória do que os das idades posteriores? Lembro-me, sim, de que nessa casa funcionava algo pertencente à "Ceará Light", dela saindo grossos fios condutores de eletricidade, embora a casa permanecesse permanentemente fechada. Depois a "Ceará Light" (sucedida pela CONEFOR e pela COELCE) fez nela funcionar uma escola popular, freqüentada mais por empregadas domésticas, tendo sido mestra nessa escolinha, que tomou o nome de César Cals, minha prima Celina Cerquera Belo, aqui já referida.

N.º 1453 — Nessa casa de duas portas, que depois se incorporou à da esquina, para funcionamento de serviços da empresa fornecedora de energia à nossa cidade, Manuel Melo Amaral morava e mantinha estoque de livros de literatura jurídica. Com sua morte, continuou ocupando essa casa e mantendo o negócio de Manuel Melo Amaral sua viúva, D. Arminda. Creio que foi quando esta se mudou que a casa se incorporou à vizinha do lado norte (n.º 1447), como ficou dito antes, situação em que ainda se encontra. Aliás, parece que se deu, então, uma reincorporação, pois o estilo de ambas autoriza a conclusão de que compunham um só imóvel.

N.º 1454 — Casa de três portas, cujo único ocupante por mim agora lembrado é o Sr. Francisco Fontenele, vindo da casa n.º 1408 do anterior quarteirão da mesma rua. Sua esposa era irmã de D. Alzira, esposa de Domingos de Melo, a que já me referi quando tratei da casa de n.º 1385 da mesma rua, e de D. Bembém, esposa do capitalista Otávio Philomeno Gomes, ocupante do palacete próximo, n.º 1477, e de D. Sinhá, ocupante da casa n.º 1469, conforme será visto.

Hoje esta casa é ocupada pela empresa funerária intitulada Organização Social de Luto Cearense Ltda. "Paz Eterna".

N.º 1463 — Casa de duas portas, que conheci ocupada por Alcides Silva, pai do liceista, meu colega de turma e egresso do Seminário da Prainha, Lourival Soares e Silva, que se formaria em Direito, seria Juiz, aposentando-se depois.

Nela morou, também, o futuro médico-militar Eleazar Campos, exímio violinista, que se casaria com uma neta do Barão do Camocim, residente no "feudo" da família, no lado oeste da Praça do Encanamento, depois Visconde de Pelotas, posteriormente da Bandeira e hoje Clóvis Beviláqua.

Hoje, transformadas suas duas portas de frente em um só vão, serve de estacionamento de carros.

N.º 1469 — Casa de duas portas, ocupada por D. Sinhá Carneiro, com várias irmãs morando na vizinhança, como já me foi dado dizer. Atualmente abriga a loja de móveis intitulada Distribuidores de Equipamentos para Escritórios.

N.º 1477 — Belo palacete com porão, que o torna elevado em relação ao piso da rua, e de jardim lateral (lado norte) gradeado de ferro. Nele residia Otávio Philomeno Gomes, primitivamente casado com D. Bembém Carneiro, e, em segundas núpcias, com D. Maria Luíza Miranda. Nesse palacete, a mais bela residência da redondeza, realizavam-se "assaltos" carnavalescos de muita animação e distinção. D. Bembém, tendo falecido em Recife, teve seu corpo embalsamado para que fosse enterrado em Fortaleza. Vi-a no caixão mortuário, exposto na matriz do Carmo, notando-se que os embalsamadores tiveram o cuidado de, discretamente embora, corar um pouco as faces e os lábios da morta. Isso causou espécie à mentalidade provinciana de então. Hoje, esse gesto, que me permito chamar de caridoso, passaria despercebido ou seria amplamente compreendido.

Atualmente, nesse palacete, um tanto deteriorado, se instala o Serviço de Primeiro Atendimento do INAMPS.

S/N — Havia entre o palacete do Otávio Philomeno Gomes e a casa da esquina nordeste da Rua Barão do Rio Branco com a Avenida Duque de Caxias um muro de muitos metros, correspondente aos fundos da casa do professor Dolor Barreira, na Rua Major Facundo, hoje demolida para estacionamento de carros. Outro!

Seguindo-se àquele muro e fazendo esquina com a Avenida Duque de Caxias, já em plena Praça do Carmo, havia

uma bela residência, com jardim e grades de ferro, tanto para a rua como para a avenida. Em seu alpendre coberto existia um mural a óleo, em consonância com o gosto da época, representando um lago azul cercado de campos verdejantes, onde se viam aves pernaltas muito brancas.

Segundo sei, nessa bela casa morou o avô do construtor José Barros Maia (Mainha) e pai de Manuel Maia (Neco Maia), estabelecido este com uma joalheria no prédio n.º 371 da Rua Major Facundo e depois Administrador da Empresa Funerária, como me foi dado dizer certa feita. Sei também, por ouvir dizer, que nessa casa morou o farmacêutico Antônio da Costa Teófilo, Diretor da Recebedoria do Estado.

O de que me lembro mesmo é ter visto ocupando essa casa a família de Álvaro de Castro Correia, que se mudaria depois para casa situada na mesma rua, três quarteirões adiante (n.º 1936). Um de seus filhos seria eleito "Bromil Moderno", título que significava o mais elegante freqüentador do Cine Moderno, e viria a ser, mais tarde, um dos edis de nossa capital — vereador Aluísio Correia. Outro, que herdaria o nome do pai, cursaria comigo a turma pioneira do C.P.O.R. de Fortaleza e faleceria ainda moço. Uma das moças da casa casar-se-ia com o futuro professor Antônio Carlos Campos de Oliveira, meu colega de Liceu e nas lides da Associação Cearense de Imprensa. Com a mudança dessa família, a bela casa abrigou os cursos da Aliança Francesa, antes de se instalarem estes em seu prédio próprio, sito na Rua Major Facundo, n.º 1172, logo depois da Praça do Carmo.

No terreno correspondente ao muro dos fundos da casa de Dolor Barreira e a bela casa de esquina, depois derruída, levanta-se hoje o alto edifício da Agência Central do Banco do Brasil, de discutível arquitetura. Até a escultura de uma rendeira, exposta na face do prédio que dá para a Rua Barão do Rio Branco, apresenta a visível e irritante falha de terem sido colocados no lado contrário ao em que se acha a artesã os bilros de sua almofada!

Aqui termina esse outro quarteirão da Rua Barão do Rio Branco, cujo levantamento afetivo estou tentando realizar. Prosseguirei com informações sobre os demais quarteirões da referida artéria da cidade, a começar pelo que forma a face oeste ("lado da sombra") da Praça do Carmo.

* * *

Logrando chegar, afinal, à Avenida Duque de Caxias, cabe-me, desta feita, enfrentar as casas da Rua Barão do Rio

Branco que formam o lado oeste ou "da sombra" da Praça do Carmo.

Sobre esse quarteirão assim se expressou, em 1943, o historiador João Nogueira: — "N.º 1558 — Instituto Ortopédico. Edifício da Prefeitura Municipal construído por Jeremias Arruda e hoje propriedade do Banco Inglês. Duas casas residenciais na esquina da Rua Gen. Clarindo."

Não muito tenho a acrescentar a esses dados, o que facilita minha tarefa.

N.º 1558 — Casarão levantado na esquina sudoeste da Rua Barão do Rio Branco com a Avenida Duque de Caxias, dispondo de muitas portas para esta e de duas para aquela. Fui informado de que, nos meus tempos de menino, esse prédio foi ocupado pelo consultório do médico ortopedista Dr. Lazari Goldman, polonês de meia idade, solteirão, que residia com sua mãe nos fundos do prédio. Homem fino, educado, vez por outra dava consertos de violino, inclusive no Teatro José de Alencar, e freqüentava os clubes sociais da cidade. Aos domingos, pela manhã, infalivelmente, ele e mais alguns amigos, geralmente sócios do Náutico Atlético Cearense, que então surgia na Praia Formosa, praticavam natação, esporte que começava a interessar a mocidade conterrânea. O grupo se compunha do Dr. Goldman, de seu vizinho José Monteiro (funcionário do London Bank, a quem Edigar de Alencar, recentemente no livro *Fortaleza de ontem e anteontem,* se referiu, contando episódio carnavalesco que lhe valeu o apelido de Zé da Ema), de Nertan Melo, de Fernando Gentil (depois renomado médico operador, hoje residente em São Paulo) e de Antônio Nogueira (funcionário do Banco do Brasil). Quando não acontecia a prática do esporte náutico, a turma saía pela cidade a cavalo, passeando, conforme ainda o permitia a vida pacata de então.

Ao lado desse casarão de esquina existia uma casa de três portas, ocupada pelo Dr. Francisco Ponte, que veio da casa de n.º 1408, da mesma rua, conforme ficou dito no devido tempo.

Os dois velhos prédios foram reformados para nele hoje abrigar-se o Supermercado Avenida Ltda.

N.º 1572 — Casarão de cinco portas, residência da família Monteiro. Uma das moças da casa, a Maria Luíza, hoje falecida, foi namorada de meu irmão Aluísio. Dos rapazes, lembro Paulo, meu colega no Liceu, cerca de três ou cinco anos acima da faixa etária da turma, recebendo por isso o apelido, que o acompanhou para o resto da vida, de "Paulo

Velhinho". E de Batista, que se casaria com uma irmã do futuro General Murilo Borges Moreira, que seria Prefeito de Fortaleza, e de Carlos Borges Moreira, meu conterrâneo de estudos, ambos filhos de José Moreira da Rocha, dono do Café do Comércio, quiosque então existente na esquina noroeste da Praça do Ferreira, e de D. Narcisa Borges, que sofreu morte trágica que abalou Fortaleza. Lembro ainda José Monteiro, já aqui aludido quando tratei dos dois prédios vizinhos. Com o passar dos anos, a família Monteiro se foi dispersando, restando no velho e deteriorado casarão apenas um dos rapazes, que morreu solteirão. Fechado em parte, serviu de sede a uma agência do jornal *Tribuna do Ceará*. Foi afinal demolido e o terreno serve para estacionamento de carros.

N.º 1586 — Casa de três portas. Não recordo todos os seus antigos ocupantes. Sei que nela morou Soarinho, pai de Edmilson e Quincas Soares, a respeito dos quais me referi quando tratei da casa de n.º 1401 da mesma rua. Esse prédio hoje abriga a Casa Malheiros, especializada em móveis.

N.º 1588 — Casa de duas portas, uma das residências do livreiro Edésio Albuquerque em nossa capital. Antes ocupara ele uma casa da Rua General Sampaio, quarteirão entre a Rua Clarindo de Queiroz e a Avenida Duque de Caxias, "lado do sol", em frente do palacete do Dr. Amadeu Furtado. Depois se mudaria ele para casa da Rua Clarindo de Queiroz, entre as Ruas Major Facundo e Barão do Rio Branco, lado sul, em outra face da Praça do Carmo. Edésio foi uma das figuras mais curiosas da nossa terra: católico praticante, de assistir missa e rezar terço, sonhava igualmente com o socialismo, então confundido com o comunismo. E por isso passou por alguns vexames, saindo-se bem porque era estimado por todos. Alaor, seu filho, herdou dele a profissão de livreiro, depois de ter sido liceista encapetado, inseparável do mais encapetado "Canelinha", Aluísio Costa, irmão de Heloísa Costa, antiga Diretora Geral da Secretaria de Administração do Estado. Alaor e "Canelinha" — pasmem todos — passaram antes pela fase de ardorosos integralistas.

Essa casa atualmente abriga a Agripec, Química e Farmacêutica S.A.

N.º 1594 — Belíssimo palacete que dispõe de escadaria de mármore e gradil de ferro, construído no início da década de 1920 por Jeremias Arruda em terreno que tem cerca de 29 ou 30 metros de frente. Com as dificuldades financeiras enfrentadas pelo seu arrojado proprietário, o imóvel passou ao domínio do Banco do Brasil, segundo guardei de memória.

embora João Nogueira fale em Banco Inglês, que deve ser o London Bank. Nesse ínterim, foi sede da Delegacia de Polícia, ocasião em que nele foi preso, antes da vitória da Revolução de 1930, o Doutor Manuel do Nascimento Fernandes Távora. Os desígnios da Providência (alguns dizem que a ironia do destino) fizeram com que, muitos anos depois, o Dr. Távora fosse ali mesmo homenageado com um dos mais honrosos títulos a que um intelectual cearense pode aspirar — Presidente Honorário do Instituto do Ceará...

O palacete abrigou, também, a Prefeitura (em torno de 1943, segundo João Nogueira) e o Ginásio Municipal.

Sei que pertencia em 1967 à Imobiliária José Gentil, que o alienou à Universidade Federal do Ceará. O dinâmico Reitor desta última, professor Martins Filho, o adquirira já com a intenção de permutá-lo com o também belo prédio do Estado em que se achava instalado o Instituto do Ceará, na Avenida da Universidade, antiga Visconde de Cauípe, n.º 2431, cedido a este a título precário depois de ter abrigado o Grupo Escolar Rodolfo Teófilo. O Reitor pretendia ampliar as instalações da então Faculdade de Ciências Econômicas, construída nos fundos desse belo prédio, e só poderia fazê-lo se lhe fosse dado oferecer ao Estado outro imóvel condigno para nele se instalar o Instituto. Comprou, assim, o palacete da Praça do Carmo e propôs a troca, logo aceita pelo governador Plácido Aderaldo Castelo, assessorado por Raimundo Girão, seu Secretário de Cultura, e por mim, que ocupava a Secretaria de Administração, todos membros efetivos do Instituto. Acertada a transação, o Governador propôs e obteve da Assembléia a sua aprovação, com a subseqüente doação do belo palacete ao Instituto do Ceará, que passou a ter sede própria depois de haver peregrinado por vários imóveis estaduais durante oitenta anos, com graves prejuízos para seu arquivo, biblioteca, museu antropológico etc. Com a iniciativa do Reitor ganhou a Universidade, que passou a dispor de maiores espaços para as atividades de uma de suas unidades de ensino; ganhou o Governo Estadual, que permutou um bonito prédio por outro ainda mais belo e vasto; e ganhou o Instituto do Ceará, que viu, finalmente, reconhecido pelo poder público seu inestimável trabalho de oitenta anos em prol da cultura do nosso povo.

N.º 1620 — Casa de três portas. Não me lembro quais foram seus antigos ocupantes. Hoje abriga a "Vidroplex", loja especializada em vidros, espelhos, molduras etc.

N.º 1626 — Terreno onde havia uma casa de três portas, cujos ocupantes não guardei de memória. Tenho a impressão de que se trata do prédio não muito remotamente construído em terreno então existente entre as casas de n.ºs 1620 (lado norte) e 1640 (lado sul), mesmo porque, em 1943, João Nogueira registrou que, entre o palacete de n.º 1594 e a esquina, havia apenas duas casas residenciais. Destarte, teria voltado à condição de simples terreno, servindo hoje de estacionamento para carros.

N.º 1640 — Casarão com três portas para a Rua Barão do Rio Branco e muitas para a Rua Clarindo de Queiroz. Nele morou o médico Virgílio Aguiar, pai de Plínio, meu contemporâneo no Liceu do Ceará e hoje médico também. Foi depois ocupado pelo exportador Luís Vidal, cujas filhas, Dagmar, Iolanda e Zilmar, se casariam, respectivamente, com o político Osíris Pontes, o industrial Edson Queirós e o professor Arcelino Portela Marcílio.

Posteriormente, nele se abrigou o Instituto de Previdência do Município de Fortaleza. Depois, em uma de suas dependências, esteve uma loja de carimbos e plastificações. Hoje, desocupado e bastante desgastado, esse casarão se acha exposto a aluguel.

* * *

Termina aqui esse quarteirão da Rua Barão do Rio Branco, lado oeste ou "da sombra". Quanto à sua face leste, era e é ocupada pela Praça do Carmo, antiga do Livramento, que conheci ainda vasto areal circundado pelo calçamento de pedras irregulares das quatro artérias que a envolvem. No centro a igreja, desenvolvimento da antiga capela, recordada por Gustavo Barroso, em suas deliciosas "Memórias". Sucedeu a esse areal, desde o Natal de 1929, o belo jardim em forma de borboleta, hoje infelizmente desfigurado. Sua inauguração, quase coincidindo com a Revolução de 1930, deu margem a que nos intitulássemos de "Interventores" desse logradouro, tão indiscutível era o domínio de nossa turma de liceistas e alunos de outros colégios sobre aquele território, entre cujos componentes relembro agora Geraldo Lira Aguiar, Edmilson e Quincas Soares, Alaor e Sófocles Albuquerque, Osmar Mac Dowel e Renato Vieira, todos moradores em casas da circunvizinhança. Como, porém, minha intenção não é, desta feita, escrever a história dessa praça, mas registrar a "alma" desse trecho da Rua Barão do Rio Branco,

passarei adiante na tarefa a que me propus. Não o farei, porém, sem referir-me às novenas de maio e julho, em honra de Nossa Senhora, que serviam de ocasião para o início de muitos namoros que terminaram em casamento. Tinham, portanto, uma função social, além do aspecto puramente religioso.

* * *

A partir da Praça do Carmo escasseiam meus conhecimentos sobre os prédios da Rua Barão do Rio Branco e seus moradores. E isto se explica em função da maior distância que separava minha residência desse outro trecho da referida artéria da cidade. Não me furtarei, todavia, de acrescentar algo ao que desse trecho da Rua Barão do Rio Branco disse João Nogueira nos idos de 1943.

Sobre o quarteirão compreendido entre as Ruas Clarindo de Queiroz e Meton de Alencar, lado oeste ou "da sombra", foi então dito pelo autorizado pesquisador: — "Na esquina o Colégio Nogueira, n.º 1658. Casas residenciais."

Tenho a acrescentar às sucintas anotações de João Nogueira que o prédio n.º 1658 da Rua Barão do Rio Branco com algumas janelas para esta e muitas para a Rua Clarindo de Queiroz, em que esteve o Colégio Nogueira em sua nova fase (Direção do meu ex-condiscípulo no Liceu e depois colega no Instituto do Ceará — Professor João Hipólito Campos de Oliveira), sito na esquina sudoeste da confluência das referidas artérias, acha-se hoje demolido para que seu terreno se destine a estacionamento de automóveis.

Acrescento também que nesse quarteirão, n.º 1684, ficava o casarão de Licínio Nunes, que João Nogueira coloca da quadra seguinte. Casarão de seis portas de frente e um largo portão do lado norte, ainda lá se acha, atestando a abastança da outrora influente família, aparentada de Gustavo Barroso, que a ela se refere carinhosamente em suas "Memórias". Esse casarão tinha fundos para a Rua Senador Pompeu, em plena Praça Clóvis Beviláqua, certamente aproveitados para o serviço de copa e cozinha e de cavalariça. Nesse casarão hoje se instala o Colégio Equipe.

* * *

A face fronteira (lado leste ou "do sol") do quarteirão da Rua Barão do Rio Branco entre as Ruas Clarindo de Quei-

roz e Meton de Alencar é assim fixada por João Nogueira: — "Casas residenciais até a Rua Meton de Alencar." Lembrarei apenas que, para uma dessas casas, que não consigo identificar, mudaram-se as "Virgílios", depois que deixaram a de n.º 1418 da mesma rua, conforme ficou dito por mim na devida ocasião.

* * *

Seguindo nessa peregrinação antes feita pelo historiador João Nogueira, recordado seja que ele disse, do quarteirão da Rua Barão do Rio Branco compreendido entre as Ruas Meton de Alencar e Antônio Pompeu, "lado da sombra", o seguinte: — "Casas residenciais, em uma das quais morava Lucínio Nunes. Instituto Epitácio Pessoa, onde funcionou a Academia Cearense de Letras. Um sobrado. Casas térreas."

Já desfeito o equívoco de João Nogueira quanto à residência de Lucínio Nunes (que realmente habitava a casa do quarteirão anterior, n.º 1684, conforme foi esclarecido antes), resta falar sobre o Instituto Epitácio Pessoa e o sobrado aludido pelo citado historiador.

O Instituto Epitácio Pessoa, n.º 1836 da Rua Barão do Rio Branco, belo prédio de dois pavimentos, recuado do limite da quadra e guarnecido de altas grades de ferro, pertencia à Arquidiocese de Fortaleza e nele funcionou a União de Moços Católicos, entidade religiosa constituída de leigos católicos jovens, fundada pelo saudoso Monsenhor Antônio Tabosa Braga e assistida espiritualmente pelo lazarista Pe. Pedro Perdigão Sampaio, oriundo de Redenção e parente de minha mãe. Essa entidade promovia, além das monumentais Páscoas da Mocidade, de grande repercussão, movimentos outros de natureza cívico-religiosa, tudo isso infelizmente sufocado pelo programa de ação decorrente de uma interpretação para mim forçada do Concílio Vaticano II. De par com isso, foram desativadas igualmente as Congregações Marianas de Jovens e a Juventude da Ação Católica, enquanto não se preenchia o vazio deixado a não ser com movimentos que não raramente descambam, para a tristeza e preocupação dos pais, em subversão política de conotação esquerdista. O resultado dessa desastrosa estratégia aí está, à vista de todos, só não o enxergando o cego que não quer ver: — jovens sem formação religiosa nem cívica, não raramente escravos de entorpecentes que minam sua saúde física e mental, alguns engajados em movimentos subversivos mas não raro freqüen-

tando igrejas, numa miscigenação inconcebível de catolicismo e comunismo, e a maioria desinteressada de tudo, a não ser do gozo fácil a qualquer preço, campeando o amor livre, o *top-less* e até o *botton-less!* Não que inexistissem, antigamente, indivíduos desregrados e marginais, porém o que se nota hoje é um clima social que aceita e até incentiva todos os excessos, quando antes a censura social e a formação legitimamente religiosa funcionavam como freios contra a libertinagem. E a Igreja silenciosa nesta parte só se preocupando com graves problemas de terras e outras materialidades...

A construção do edifício do Instituto Epitácio Pessoa se deveu ao fato de que, arrecadados fundos para o levantamento de um monumento a Epitácio Pessoa, pela forma correta com que se comportou em relação ao Nordeste nos anos em que esteve à frente do Governo Federal, o ilustre homenageado agradeceu o gesto e sugeriu que o numerário conseguido fosse empregado em obra social de finalidade cívica, sendo destarte levantado esse belo prédio e entregue à Arquidiocese de Fortaleza para que nele funcionasse entidade que atendesse àquela alta finalidade.

No prédio do Instituto Epitácio Pessoa funcionava, também, o Cine União, com espetáculos uma ou duas vezes por semana. No tempo da cena muda, havia sempre uma orquestra, maior ou menor conforme a importância e a luxuosidade do cinema, a tocar durante a exibição dos filmes. Incorporei-me à orquestra do Cine União, a convite de meu professor de violino Edgar Nunes. Não sei se vantagem houve para a orquestra, mas ganhava eu com a assistência gratuita da fita exibida e com a experiência adquirida no "batente"...

Hoje, o Instituto Epitácio Pessoa se acha sob a guarda da Paróquia do Carmo e abriga a Escola do 1.º Grau João XXIII e o Conselho Regional de Enfermagem.

Do lado norte do prédio do Instituto Epitácio Pessoa levanta-se um sobrado, referido por João Nogueira. Tem o n.º 1822 e para ele se mudou José Lino da Silveira, após deixar a casa de n.º 1385 da mesma rua.

Acrescento às notas de João Nogueira, com referência a esse quarteirão, que na esquina noroeste, da confluência das Ruas Barão do Rio Branco e Meton de Alencar existe, também, um sobrado, de n.º 1860, que serviu de moradia à família de José Manassés Pontes, depois que deixou a casa de n.º 1385 da mesma rua, conforme registrei no devido lugar.

* * *

Com relação à face leste ou "lado do sol" da artéria que estamos percorrendo sentimentalmente, quarteirão entre as Ruas Meton de Alencar e Antônio Pompeu, João Nogueira apenas anotou "casas residenciais". Destaco dessas a casinha de duas portas, de n.º 1853, ocupada durante algum tempo por Geraldo Lira Aguiar, meu colega de Colégio Cearense, Liceu do Ceará e Praça do Carmo, e que, enquanto solteiro, residiu em casa não mais existente e que tinha o n.º 641 da Rua Clarindo de Queiroz. A ambas freqüentei, pois sempre porfiei em conservar essa velha amizade.

* * *

Com referência ao quarteirão da Rua Barão do Rio Branco entre as Ruas Antônio Pompeu e Domingos Olímpio, lado oeste ou "da sombra", João Nogueira assim falou: — "Casas residenciais das quais a última traz a placa 2867. Seguem-se casas destacadas e desalinhadas." Na realidade, o autorizado cronista não se limitou a ir até a esquina da Rua Domingos Olímpio, referindo a casa situada adiante e de n.º 2867. Para entender-se a razão de seu procedimento há-de se estar atento ao fato de que, a partir desse trecho da Rua Barão do Rio Branco, seguiam-se as chamadas "areias do Livramento", depois "areias da Rua Formosa" e mais tarde "areias da Rua Barão do Rio Branco". Quanto progrediu a cidade em menos de quarenta anos (de 1943 a 1979)! As casas eram "destacadas" (isto é, avançavam sobre o leito da rua, então sem qualquer tipo de calçamento) e "desalinhadas" (fora do alinhamento, recuando do traçado oficial hoje observado).

Posso acrescentar que na esquina sudoeste das Ruas Barão do Rio Branco e Antônio Pompeu situa-se atualmente o Cine Art-Palácio, em prédio que toma o n.º 1890.

Um pouco adiante (n.º 1936) ficam as oficinas da Companhia Importadora de Máquinas e Acessórios Irmãos Pinto — CIMAIPINTO. No local em que se acha esse vasto armazém, existia a casa para onde se mudou a família de Álvaro de Castro Correia, depois que deixou o prédio antes existente na esquina nordeste da Rua Barão do Rio Branco com a Avenida Duque de Caxias, onde hoje se levanta a Agência Central do Banco do Brasil.

* * *

Quanto ao quarteirão fronteiriço a este último, isto é, à face leste ou "lado do Sol" da Rua Barão do Rio Branco en-

tre as Ruas Antônio Pompeu e Domingos Olímpio, João Nogueira esclarece melhor sobre a irregularidade urbanística desse trecho: — "Idem (casas residenciais) até as areias do Livramento, onde a Rua Barão do Rio Branco perde o nome e se transforma em uma estrada."

Não me seria possível deixar de acrescentar que na esquina nordeste das Ruas Barão do Rio Branco e Domingos Olímpio hoje se acha magnificamente instalado o Colégio Lourenço Filho do centro da cidade (há outro na Aldeota), vindo do prédio antigo da Rua Floriano Peixoto com fundos para a Rua da Assunção, quarteirão entre as Ruas Pedro Pereira e Pedro I. Esse prédio magnífico da Rua Barão do Rio Branco tomou o n.º 2101.

* * *

Dou aqui por finda a trabalheira que tive na reconstituição desse trecho de rua que é o de meus verdes anos, aqueles que mais falam dentro de nós. Aqueles que mais nos marcam para a vida toda.

Fi-lo com amor, vê-se logo de sua simples leitura. E satisfiz velho compromisso comigo mesmo assumido, quando iniciei essa peregrinação piedosa com a publicação de antigos artigos reunidos sob o título de "Crônica de um trecho da cidade", em que cuidei das duas faces do quarteirão da Rua Barão do Rio Branco compreendido entre as Ruas Liberato Barroso e Pedro Pereira.

Consola-me a talvez ilusória esperança de que, amanhã, o sociólogo que debruçar-se sobre estas linhas poderá delas colher um ou outro subsídio para as suas conclusões científicas, pois, se me seria impossível dizer tudo, em nada me afastei da verdade.